

## REPRESENTAÇÃO E PSICANÁLISE NO CINEMA - DIVERTIDA MENTE, O FILME<sup>1</sup>

| BÁRBARA FACÓ BARRETO REGADAS<sup>2</sup>, KARINA RODRIGUES BERNARDES<sup>3</sup> E

MARÚCIA LUNA NERI BENEVIDES<sup>4</sup>

### RESUMO

As autoras, ao assistirem ao filme Divertida Mente da Pixar - Disney World, pensaram em como o filme retratou as emoções de forma lúdica, criativa e divertida. O filme traz uma peculiaridade interessante: fala de emoções e ocorre dentro da mente de Riley, uma menina de 11 anos! Além de mobilizar aspectos emocionais, representando sentimentos em personagens e imagens, o filme se destacou por conseguir construir a representação de uma mente dinâmica e criativa. Apresentou também o inconsciente, o que chamou a atenção das autoras. O trabalho se propõe a falar da teoria psicanalítica, destacando, sobretudo Melanie Klein e W. R. Bion, chamando atenção para a tolerância à frustração e a ambivalência dos sentimentos. Isso porque a mensagem do filme, para as autoras, é a de que alegria e tristeza caminham juntas, sem sucumbir: alegria sem tristeza vira mania, e tristeza sem alegria, depressão. O objetivo deste artigo é trazer conjecturas psicanalíticas, fazendo uma leitura da relação existente entre a representação de um filme, a mente e a psicanálise. Por fim, utilizam-se da ideia do poeta Vinicius de Moraes... “mas para fazer um samba (vida) com beleza, é preciso um bocado de tristeza”...

Palavras-chave: integração, posição esquizoparanoide, posição depressiva, tolerância a frustração, ambivalência de sentimentos, alegria, tristeza, amor, ódio e mente.

### ABSTRACT

The authors, after watching Inside Out of Pixar - Disney World, wondered how the movie portrayed the emotions in a playful, creative and funny way. The movie brings some peculiarities: it talks about feelings and it occurs inside Riley's mind, an eleven-year-old girl. Besides dealing with emotional aspects, it portrays feelings in characters and images, and succeeds in representing a dynamic and creative mind. Another aspect that caught the authors' attention was the unconscious. The work aims to talk about the psychoanalytic theory, highlighting especially Melanie Klein and W. R. Bion, attracting the attention to tolerance towards frustration and the ambivalence of the feelings. In addition, because the message of the movie, for the authors, is that happiness and sadness go hand in hand without succumbing: happiness without sadness becomes mania, and sadness without happiness, depression. The aim of this article is to bring psychoanalysis conjectures, making relation between the representation of a movie and psychoanalysis. Finally, they made use of an idea by the famous poet Vinicius de Moraes... “in order to make samba (life) with beauty, it's necessary a good deal of sadness”...

Key-words: integration, position paranoid-schizo, depressive position, to tolerance towards, ambivalence of the feelings, happiness, sadness, love, hate and mind.

---

1 Trabalho apresentado na VII Jornada de Psicanálise do GEPFOR.

2 Psicóloga, Especialista em Psicoterapia Psicanalítica pela Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Fortaleza e Psicanalista do GEPFOR.

3 Psicóloga, Especialista em Psicoterapia Psicanalítica pela Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Fortaleza e Psicanalista do GEPFOR.

4 Médica, Especialista em Psicoterapia Psicanalítica pela Escola de Psicoterapia Psicanalítica de Fortaleza e Psicanalista do GEPFOR.

### DIVERTIDA MENTE – O FILME

O tema Representação ocupa um lugar de alta relevância na literatura psicanalítica. Freud percebeu um modo de comunicação que o levou a desenvolver o conceito de representação do qual nossa mente depende essencialmente. Entendemos que representação é um conceito complexo e extremamente articulado, que une no interior de sua definição, a pura metapsicologia freudiana relacionada com as pulsões e os afetos. Assim, representação diz respeito a um fenômeno, cuja função está ligada à estruturação do aparelho psíquico e da mente, tanto inconsciente como consciente.

Entretanto, nossa ideia é falar de representação e da psicanálise, através da arte cinematográfica.

Ogden (2014) propõe um modelo bem diferente de se ler psicanaliticamente a arte, literatura e a dramaturgia. Para ele, não é possível interpretar a psique de um autor através de sua obra, porque pessoas, sonhos e mundos internos são mais complexos, dinâmicos, contraditórios, instáveis e vivos do que cinema, arte e obras literárias. Diz: “A única maneira de se fazer uma psicanálise de Proust é ter Proust como paciente” (p. 33).

O filme pode trazer em si a representação de algo pensado, sentido, sonhado representando as mais variadas e desconhecidas emoções humanas, possibilitando que às vezes manifestações do mundo interno possam chegar à consciência. Em *Divertida mente* sabemos pelo próprio diretor que aspectos de seu mundo interno estão presentes em todo o enredo do filme.

O filme *Divertida mente* traz em si uma peculiaridade interessante: fala exatamente da mente! Além de mobilizar aspectos de nossas emoções, representando sentimentos em personagens e imagens, destaca-se por conseguir construir a representação de uma mente dinâmica e criativa, incluindo o inconsciente que nos chamou atenção, trazendo, para nós, possibilidades de conjecturas psicanalíticas. Assistimos, ali, a união da representação de um filme, com a mente e a psicanálise.

Com bastante criatividade o autor criou um universo emocional que muitas vezes

não conseguimos mensurar. Freud tentou por varias vezes expressar de diversos modos a mente. Fez esboços colocando em papel tudo aquilo que ele imaginava ser o inconsciente e sua relação com outras instancias psíquicas. *Divertida Mente* colocou em sonho/filme/representação algo parecido, dando vida às emoções, e mais do que isso, uma dimensão da dinâmica da mente.

#### REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE O FILME

*Divertida mente* é o mais novo desenho animado da Pixar. No original, a animação é chamada *Inside Out* (De Dentro para Fora).

O cenário do filme é a mente de uma adolescente, Riley, de onze anos, feliz e até então, sem preocupações. Segura e alegre, a adolescente vive sem conflitos, mantendo um bom vínculo com os pais. A partir do momento em que o pai muda de emprego, que leva a família a mudar-se do local em que sempre viveu e estabeleceu seus vínculos, pais e filha se inquietam.

Riley sente quando precisa deixar para trás a cidade em que nasceu, a escola, os amigos e suas lembranças da infância. Nesse momento entendemos que não apenas a mudança no local de moradia, mas também as mudanças nas emoções despertadas entre pais e filha pelas transformações da infância para a adolescência, é que causam temores e inseguranças, e assim, o luto se manifesta.

Na mente de Riley encontramos uma sala de controle, onde existem cinco personagens, cada um personificando uma emoção diferente, mas que convivem em equilíbrio. A Raiva, um baixinho invocado, o Medo, um sujeito com transtorno agudo de ansiedade, o Nojo, uma menina que não aceita frustração, a Tristeza, uma baixinha azul, sempre imaginando o pior e depressiva e, por último, a protagonista da mente da menina e do filme, a Alegria, reluzente e sempre em luta contra a tristeza que teima em se instalar.

Os sentimentos na mente de Riley tentam controlar o modo como a menina responde aos estímulos do mundo. Aparentemente, tudo é bem óbvio, mas o trabalho das emoções personificadas é mais complexo: tingir, simbolizar as memórias da menina com algum sentimento. As lembranças aparecem como

bolas, cada uma preenchida com uma memória específica: se a garotinha conhece alguém na escola, por exemplo, uma bola transparente se materializa na sala de controle da mente e a emoção suscitada é simbolizada com uma cor. Se for alegria, a representação na bola é a dourada. E aquele encontro tem o registro de uma memória feliz. Depois de receber a devida tintura, a bola segue por um tubo de sucção para se fixar na memória de longo prazo, que vai caracterizar toda a personalidade de Riley.

No filme, a Alegria está no comando. Os outros sentimentos até assumem o controle de vez em quando, mas Alegria retoma as rédeas, garantindo a felicidade geral e a formação contínua de memórias alegres dentro da mente. Em alguns momentos isso parece ser até produtivo, quando a Alegria se utiliza da criatividade e contribui para que uma situação desagradável possa ser vivida de forma menos dolorosa.

Para Bion (2004) uma vez que ocorre uma tempestade emocional, é possível decidir como tornar proveitoso um mal negócio, mas para isso é preciso alguma aptidão: “ouvir não apenas as palavras, mas também a música” (p.45).

A Tristeza a princípio mal consegue chegar perto da sala de controle, até que catástrofes emocionais comecem a acontecer. Isso nos dá a oportunidade de tecer considerações psicanalíticas.

Para Freud, é o princípio do prazer que determina o objetivo da vida. Porém, se isso consiste para o homem em ser só feliz, com certeza será irrealizável. A própria mente, através do princípio de realidade, há de ter que se haver com tal ilusão e conseqüente desilusão. As brigas entre Alegria e Tristeza correspondem a isso.

Posto o cenário, começa a trama e os sentimentos despertados pela realidade da mudança começam a surgir. Riley se isola e a tristeza começa a invadir a sua mente.

Alegria começa a perder o domínio da sala de controle. Tristeza segue sua natureza e vai tingindo de azul todas as memórias novas que a menina está

formando. Alegria então ataca fisicamente a Tristeza, as duas tropeçam e caem em um tubo de sucção e acabam tragadas para as profundezas da mente, ou seja, do inconsciente de Riley. Daí em diante, será um passeio pelo mundo interno da garota.

Acompanhando o percurso da Alegria e Tristeza pelo inconsciente de Riley, no intuito de voltar para sala de controle, observamos passagens interessantes que se destacam, como um lugar de pensamentos abstratos, por exemplo, sonhos ou até mesmo um amigo imaginário chamado no filme de Bing Bong.

Enquanto Alegria e Tristeza estão perdidas, Raiva, Medo e Nojo assumem a sala de controle. E, como resultado, a menina se vê perdida em meio à tristeza, movida por sentimentos negativos. Da mania foi à melancolia? Parece que algo se perdeu dentro de Riley, e ela não consegue mais nomear o que se passa dentro dela. Assim se instala o que para Bion seria a incapacidade de pensar.

Consideramos que as ideias de Klein (apud Spillius, 2007) nos ajudam a entender o que se passa com Riley. O título em inglês *De dentro para fora* pode ser relacionado ao chamado mundo interno, termo muito usado por Melanie Klein.

Lembramos como a posição esquizoparanoide, fica evidente, sendo seguida da posição depressiva. Sucintamente entendemos que na P.E, podemos pensar em um ego mais primitivo, desintegrado, cindido, persecutório e também em uma precária representação, por não ter internamente um objeto integrado. Em contrapartida, na posição depressiva há possibilidade de tudo se tornar mais integrado na mente, havendo uma capacidade do ego se relacionar melhor com o objeto, de ter uma representação mais sofisticada. Assim, há uma capacidade para desenvolver pensamentos.

Ansiedades persecutórias ou ansiedades depressivas são vividas dependendo das posições, o que leva Riley ora a fugir, ora a voltar e reparar através da fala aquilo que tanto dói. Aqui novamente destacamos Bion, através da leitura de Zimmerman (2004), que usou a palavra *reverie*, para destacar uma função que seria a capacidade da mãe (analista), de estar livre e espontânea, para assim conseguir receber as

identificações projetivas do seu filho (analisando), ou seja, é uma capacidade de fazer ressonância com o que é projetado dentro dela, decodificando e nomeando as angústias recebidas. Essa função não pode ser exercida autisticamente, mas sim através de um relacionamento da dupla que proporcione um desenvolvimento de pensamentos.

Segundo Sandler (2007) “Reverie não é amor, é um modo de expressar amor” (p.33). No filme, duas cenas que retratam o que diz esse autor: mãe e filha conversam sobre o caminhão de mudança que vai atrasar, Riley começa a ficar com raiva da situação, quando sua mãe diz: “minha filha o que nos ajuda é ver o seu sorriso, é o que temos de bom”. A partir daí a menina consegue sorrir e se aproxima de sua mãe. Outra cena é quando Riley volta para casa, e pais e filha conversam e se entendem. Vemos então o quanto as palavras que dizemos podem ou não transformar sentimentos.

Este seria o resultado favorável da posição depressiva em que, no caso do filme, podemos contar com a ajuda da Tristeza. Para Klein (2007), a internalização segura de um objeto bom, seria a segurança em voltar para casa. Isso se torna o núcleo do Ego, a base para a segurança e para o auto-respeito. A saúde mental do indivíduo e a capacidade de amar dependem dessa internalização. Seu fracasso constitui o contrário, ou seja, a base psíquica da doença maníaco-depressiva (Spillius, 2007). Relacionando ao filme, seria a existência de alegria o tempo todo.

Lembramos aqui da história de Poliana, um clássico da literatura escrito em 1913 por Eleanor Porter, uma menina de onze anos também, assim como Riley, que sofre grandes mudanças após a morte de seu pai: se muda de cidade para ir morar com uma tia rica, severa e rígida que a menina não conhecia anteriormente. No seu novo lar, passa a ensinar às pessoas o jogo do contente que havia aprendido com seu pai. A ideia do jogo era procurar extrair algo de bom e positivo em tudo, mesmo nas coisas mais desagradáveis. Parece aqui que também a alegria estava na sala de comando de sua mente, pois tudo em sua vida tinha que ser transformado em alegria, para não entrar em contato com suas perdas e dores. Mas voltemos ao filme, pois essa história rende outro trabalho psicanalítico.

Caper (2002) traz uma leitura bem clara da relação de integração entre alegria/medo e amor/ódio. Em seu livro *Tendo mente própria*, refere: “Uma condição fundamental para a existência do objeto interno bom, na posição depressiva, é a elaboração do ódio ao objeto verdadeiro, fazendo predominar o amor por ele ou por suas boas qualidades. Elaborar o ódio em relação ao objeto não quer dizer livrar-se do ódio, mas ao contrário, conviver com ele sem sucumbir” (p. 157).

O que ocorre no filme é justamente isto: no momento em que há ponderação e equilíbrio entre Alegria e Tristeza, juntas conseguem caminhar em busca do controle, ou da sala de controle. Nessa ocasião, Tristeza começa a ser uma peça fundamental no caminho. Interessante também é observar que o amigo imaginário deseja voltar com elas para a sala de controle, pois não quer ser esquecido. Porém, quando tudo começa a ficar mais difícil, ele, Bing Bong, ao ajudá-las a chegar ao destino, precisa abrir mão de ir junto, cena bastante interessante no filme. É possível entendermos que abrir mão de aspectos infantis faz parte do processo de crescimento e maturidade na vida.

Para a psicanálise, o crescimento da mente se dá a partir do momento em que a posição depressiva se torna possível. Do contrário, posição esquizoparanoide, exemplificada no caso pela Alegria sem limites, pode ser catastrófica para o ser humano. Assim viveríamos em mania o tempo todo.

Fazendo novamente referência a Caper (2002), o conflito parece ser inevitável para se ter uma relação objetal verdadeira, é preciso, entrar em contato com tristeza, culpa e luto para assim conseguir uma relação objetal mais realista. Mesmo havendo o ódio, se houver capacidade de suportar esses sentimentos dolorosos, haverá a preservação do amor e daí o resultado de um desenvolvimento de uma verdadeira autoestima e segurança interna.

Refere Caper: “Essa autoestima (oposto à mania) parece ser produto da luta bem sucedida para preservar o amor pelo bom objeto diante do próprio ódio narcísico e da inveja destrutiva” (2002, p.115).

Ao fazer relação com a teoria de Bion, Spillius (2007), refere:

Bion também desenvolve a idéia de flutuação entre as posições esquizoparanoide e depressiva (Ps<->D), como um fator de desenvolvimento do pensamento. Continuando as idéias de Klein, ele se concentra na dimensão de desintegração de um lado, e integração do outro. A formulação de Bion chama a atenção para os aspectos positivos do caos esquizoparanoide, para a necessidade de ser capaz de enfrentar a possibilidade de um sentimento catastrófico de desintegração e de ausência de significado. Se a pessoa não consegue tolerar essa ausência de significado da posição esquizoparanoide, certamente pode entrar em colapso (p.115).

Relacionamos a ideia acima citada, aos desabamentos das torres de personalidade da personagem no filme, chamadas de “ilhas da personalidade” ou do contrário, empurrar-se para uma integração posição - depressiva, que foi o que fato Riley pode fazer.

A própria Alegria vai aprendendo que ela não é a melhor coisa que existe, que não é melhor só ser alegre que ser triste, usando as palavras do Vinícius de Moraes. Podemos e devemos ter mais cores além do dourado da felicidade.

Por fim, a ideia de Shakespeare de que “há mais coisas entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia” é representada no filme de forma bem agradável, quando é chamada nossa atenção para algo que muitas vezes é ignorado nos dias atuais: os sentimentos, as emoções e, sobretudo o inconsciente. O filme pode estimular as pessoas a pensarem mais nos afetos e nas emoções de forma mais



respeitosa e valiosa, para que estes ocupem seus devidos lugares nas relações, pois parece que vemos hoje no mundo uma inversão ou pelo menos uma desafetação das relações.

Continuando, com as palavras de Vinicius de Moraes, em sua famosa música Samba da Benção, diz: “[...] mas pra fazer um samba com beleza, é preciso um bocado de tristeza, senão não se faz um samba não”. Talvez este trecho represente, de forma poética, o que estamos tentando compreender aqui: A vida (samba) com beleza necessita de tristeza, no sentido de tolerância ao princípio da realidade, para que a capacidade saudável de pensar e agir prevaleçam. Tristeza, no sentido de tolerância, ajuda não apenas Riley no filme, mas, quem sabe a alguns de nós.

#### REFERÊNCIAS

- Bion, W. R. (1973). *Atenção e interpretação*. Rio de Janeiro: Imago.
- Caper, R. (2002). *Tendo mente própria. Uma visão kleiniana do self e do objeto*. Rio de Janeiro: Imago.
- Ogden, T. H.; Ogden, B. H. (2014). *O ouvido do analista e o olho do crítico*. São Paulo: Escuta.
- Sandler, P. C. (2007). Reverie. *Revista Brasileira de Psicanálise*, v. 1, n.1.
- Spillius, E. (2007). *Uma visão da evolução clínica kleiniana: da antropologia à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.
- Zimmerman, D. E. (2004). *Bion: da teoria à prática - uma leitura didática*. Porto Alegre: Artmed.